



Boletim informativo

Ano 2 :: Número 10 :: março 2020

ENCERRAMENTO



Faltavam 15 minutos para as 21h quando, no dia 7 de março, a Ministra da Saúde anunciou em conferência de imprensa o encerramento do “edifício onde funciona o curso de História da Universidade do Minho”. Nesse sábado, havia ainda em Portugal apenas 18 casos confirmados de infeção pelo corona vírus, um deles aluno do ICS.

Seguindo o protocolo das autoridades sanitárias, foram contactados estudantes e professores e vedado o acesso ao edifício, onde só foi possível voltar a entrar no dia 22 de março, quando se iniciaram os trabalhos de higienização.

O fecho inesperado das instalações apaixonou de surpresa toda a comunidade do ICS, impedida de aceder a gabinetes e espaços de trabalho. Ao mesmo tempo que ativava um gabinete de gestão e comunicação de crise, a

Presidência do ICS iniciou a reorganização dos serviços administrativos e técnicos. Para Helena Machado, “um dos principais desafios foi restabelecer o funcionamento dos serviços sem acesso aos computadores de secretária localizados no edifício do ICS em Gualtar”. De acordo com a Presidente do Instituto, “a reativação dos serviços de atendimento por email foi possível graças à pronta disponibilidade dos funcionários para utilizarem equipamentos pessoais e reconstituírem o acesso progressivo aos documentos de trabalho”.

Sem atendimento presencial ou telefónico, o ICS tem praticamente todos os serviços operacionais por email. As principais perturbações

continuam a ser o empréstimo de equipamentos de produção audiovisual—que se manterá suspenso durante o período de limitação das atividades presenciais—e o suporte técnico informático dos laboratórios.

Embora já acessível, o edifício do ICS funciona agora em regime de acesso condicionado em horário extraordinário. Enquanto as autoridades assim o recomendarem, as atividades do ICS continuarão a ser todas asseguradas, na medida das possibilidades, em regime de teletrabalho e ensino à distância.

Até ao momento, a Presidência do ICS não teve conhecimento de mais nenhum caso de infeção envolvendo membros da comunidade do Instituto. O aluno da Licenciatura em História recuperou, estando já a acompanhar as atividades letivas à distância. 

Ao contrário de outras escolas e serviços, o encerramento inesperado do ICS não permitiu a preparação da mudança para o regime de teletrabalho.

Como estamos a viver o distanciamento social?

O mundo a partir de casa

Para uns, o período que estamos a viver é uma oportunidade para estar mais tempo com a família. Para outros, é uma condição muito exigente pela dificuldade de compatibilizar o tempo de trabalho com o espaço doméstico.

A experiência de distanciamento social dá uma certa sensação de se ter mais tempo, mas é preciso disciplina.



O computador tornou-se a janela para todos os mundos

“Não estamos habituados a este registo de estar em casa”. Para Miguel Aguiar, a experiência de trabalhar à distância permitiu-lhe conviver mais com a filha de um ano de idade. No entanto, reconhece que “não é fácil trabalhar concentrado com uma criança pequena por perto”. Por outro lado, “é preciso disciplinar o trabalho em casa, para não misturar demasiado com a vida pessoal”. Miguel Aguiar é técnico administrativo do Gabinete Financeiro do ICS e reconhece que consegue fazer a maior parte do trabalho sem estar nas instalações da Universidade. Admite que até há coisas boas: “somos mais diretos, temos menos reuniões”. Ainda assim, falta algum contacto mais imediato que só se consegue quando se está na porta ao lado.

Cláudia Moreira é aluna do 3º ano da Licenciatura em Arqueologia. Está a ter aulas à distância em todas as disciplinas, mantém o contacto com os colegas online, “para realizarem juntos as atividades e fazerem companhia uns aos outros”. O facto de estar agora sempre em casa deu-lhe tempo para ler mais, ver mais séries e estar também mais com a família nuclear. Como é de Barcelos, já regressava todos os dias a casa, mas reconhece que se aproximou mais da família.

O distanciamento social é uma experiência difícil para Luísa Ribeiro, que sente muita falta de estar com as pessoas, de conversar presencialmente. Aluna do Mestrado em Sociologia, vê, no entanto, nas atuais condições um desafio. “Estamos a viver um tempo fora do tempo”, diz, prevendo que este período será, por exemplo, inspirador para novos estudos.

Também para Luísa Ribeiro, ter mais tempo tem algo de desorganizador, inclusive do próprio sono. “Quando não temos uma rotina, há mais espaço para divagar, porque achamos que vamos ter sempre tempo”. De regresso a Felgueiras, a casa dos pais, Luísa reconhece que “temos bastante tempo, um tempo ilimitado, mas há dificuldades de organização”.

Miguel Aguiar não vê nem os pais nem os sogros há mais de duas semanas. Em casa, aproveita o tempo dos sonos da filha para se focar no expediente quotidiano da gestão financeira das atividades do ICS. Sente que o pior constrangimento é, de algum modo, psicológico, porque “uma coisa é estar em casa porque não se quer sair, outra é não poder sair”. E acredita que a dificuldade não é só dos adultos, porque a filha, apesar de bebé, também sente que algo está diferente.

Fazer exercício físico em casa é uma das estratégias de José Gabriel Andrade para superar a suspensão das atividades na rua. É professor do Departamento de Ciências da Comunicação, está empenhado nas estratégias de ensino à distância, mas sente falta do contacto direto com os estudantes, porque à mediação tecnológica falta a dimensão da comunicação não verbal a que o professor está habitualmente atento na sala de aula. José Gabriel Andrade é brasileiro e já estava habituado ao contacto pela Internet. Por outro lado, reconhece que o trabalho do investigador já era muitas vezes solitário, mas nas Ciências da Comunicação a distância interpessoal não é totalmente superável pelas tentativas de aproximação tecnológica.

Luísa Ribeiro tem saudades das coisas mais simples, como “frequentar os espaços com liberdade”, coisas a que antes não se dava valor. Tem ideia de que o ensino à distância está a funcionar, que os docentes estão empenhados e que os alunos correspondem. Sabendo que não é a mesma coisa, considera que “com os meios disponíveis, está a correr bem”. Para a estudante do 2º ciclo de Sociologia, “a sensação de liberdade vai ser o fundamental” no regresso à normalidade. 📍

Daniel Zamora é doutorando em Ciências da Comunicação. Chegou do Equador um par de dias antes da suspensão das atividades presenciais. A ideia era terminar a tese em Portugal nos próximos seis meses. Assim será, mas os contactos com a orientadora e com outros professores serão ainda remotos como se continuasse na América Latina.



TESTEMUNHO

Daniel Zamora
Doutorando em Ciências da Comunicação

TÃO PERTO E TÃO LONGE DE NOVO

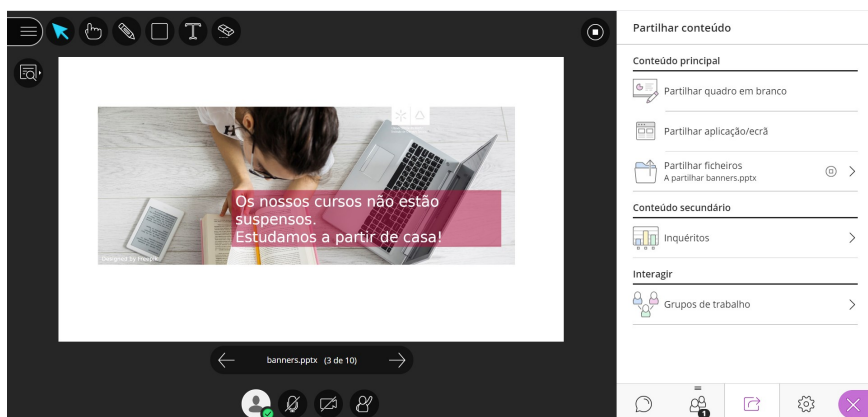
O Doutoramento é um caminho cheio de vicissitudes, de pisar o instável, tanto que até começamos a duvidar se o que fazemos está bem. Lembro as aulas do primeiro ano que sempre assinalavam que o trabalho de Doutoramento é solitário. Foi assim que voltei ao Equador, levando comigo as boas experiências em terras lusas. Mas estas memórias iam-se esgotando à medida que se aproximava o terceiro ano. E com isso chegou o bloqueio da escrita, a solidão da folha em branco por semanas. Voltar a Portugal será a solução, pensei.

De regresso, chego de novo a Braga, em dias fantásticos que anunciam a Primavera. Com tudo pronto para enfrentar o que estava adiado, eis que o COVID-19 chegou também no meu encalço. Um par de dias depois de me instalar em Portugal, fecha o Instituto de Ciências Sociais de modo abrupto, a universidade e logo o país. O efeito dominó percorreu o Atlântico e em poucos dias o isolamento tornou-se mais real que nunca, o vazio já não são as folhas mas a vida. A quarentena noutro país é estar duplamente isolado.

Nada nos preparava para enfrentar a solidão do Doutoramento e a distância que nos provoca, mas curiosamente, este duplo confinamento que é agora partilhado em tempo real numa aparente *não distância* converteu-se numa zona de conforto, o travão de emergência para refletir ainda mais profundamente sobre tudo. Quando sairmos da gruta, o mundo não será mais o mesmo. ☺

ENSINO

Ensino à distância dificuldades ou desafios?



Vários docentes estão a adotar o modelo de aula síncrona em sala de aula virtual no Blackboard Collaborate Ultra ou em sessão Zoom

Dois dias depois da suspensão das atividades letivas presenciais, a Reitoria da Universidade do Minho começou a mobilizar a comunidade académica para práticas de trabalho mediadas tecnologicamente. A ideia era minimizar o impacto da interrupção das atividades de ensino presencial. No dia 30, um despacho reitoral determinou então que a atividade letiva relativa ao 2º semestre de 2019/2020 seria assegurada em regime de ensino à distância e a avaliação realizada essencialmente em modo remoto.

No ICS, as aulas foram interrompidas entre 9 e 13 de março, tendo sido retomadas online na semana seguinte. De acordo com Maria do Carmo Ribeiro, “quer os docentes quer os estudantes fizeram desde o início um esforço rápido de adaptação”. A Presidente do Conselho Pedagógico considera que a transição para a modalidade de ensino à distância está a ser um desafio, a que, na generalidade, “os cursos do Instituto estão a responder bem”.

O recurso a metodologias de ensino à distância não era uma prática habitual ou generalizada na Universidade do Minho, embora a plataforma Blackboard incorporasse já as ferramentas necessárias. Se, nalguns casos, os docentes terão optado por disponibilizar conteúdos para favorecer essencialmente o trabalho autónomo dos estudantes, noutros as aulas têm mesmo aconte-

cido de modo síncrono, quer em sala de aula virtual no Blackboard Collaborate Ultra quer em sessão Zoom.

O acesso de todos às condições necessárias para participar nas atividades foi uma das preocupações iniciais, tendo-se resolvido

as dificuldades pontuais identificadas. Mas os desafios dos processos de ensino-aprendizagem em sistema remoto não se resume ao acesso a equipamento com ligação à Internet.

Maria do Carmo Ribeiro reconhece que o ensino à distância exige, em muitos

casos, muita criatividade, “porque não se trata apenas de disponibilizar um PowerPoint e uns textos”. Nas interações que tem mantido com os diretores de curso, a Presidente do Conselho Pedagógico tem registado as dificuldades das Unidades Curriculares de natureza prática ou laboratorial. À semelhança do que acontecerá noutras áreas científicas, nas Ciências Sociais também se batalha com as limitações de ensinar a filmar ou a fazer escavações arqueológicas sem o exercício prático efetivo. Mas, como lembra Maria do Carmo Ribeiro, “o ensino à distância não é um capricho da Universidade do Minho. É a única alternativa que temos para não suspender os cursos e para minimizar o prejuízo dos estudantes”. Para as UC com requisitos especiais estão a procurar-se soluções complementares. ☺

Leonardo Pereira é docente do ICS

O nascimento de um filho em circunstâncias extraordinárias



Leonardo Pereira é professor do Departamento de Ciências da Comunicação e está de licença de paternidade, no contexto de uma experiência extraordinária: o Miguel nasceu no dia 16 de março, no dia em que a cidade de Ovar, onde vivem, fechou por cerco sanitário. A notícia feliz do nascimento de um filho misturou-se com quase todas as dificuldades: a

impossibilidade de assistir ao parto, o tempo reduzido para ver o filho, a incerteza sobre o lugar seguro para voltar depois de sair do hospital, a falta da certidão de nascimento, o medo do contágio num concelho em estado de calamidade. À Rádio Renascença, Leonardo Pereira contou, porém, que a primeira semana em casa até correu bem. ☺

ICS colabora com Reitoria em ações de comunicação

O Gabinete de Gestão e Comunicação de Crise do ICS está a colaborar com o Gabinete de Comunicação, Informação e Imagem e com a Reitoria no desenvolvimento de ações de comunicação para envolver a comunidade académica nas soluções de funcionamento à distância. A campanha “universidade à distância é universidade unida” arrancou no dia 30, com o intuito de melhorar a compreensão das circunstâncias extraordinárias de distanciamento social. ☺

Órgãos do ICS funcionam em teleconferência

Seguindo a estratégia proposta para o ensino à distância, também os órgãos do Instituto (Conselho do Instituto, Conselho Pedagógico, Conselho Científico...) optaram por manter o calendário de reuniões, funcionando em regime de teleconferência. As sessões têm sido organizadas com recurso à aplicação Zoom e têm contado com a disponibilidade e colaboração de todos os membros. O ICS procura, assim, minimizar o impacto da situação de emergência que se vive em Portugal. ☺

Candidaturas a Doutoramento até 24 de abril

O processo de candidatura ao terceiro ciclo de estudos já era feito online. Mantém-se, por isso, sem perturbações, em curso até ao dia 24 de abril a primeira fase de candidatura aos cursos de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Estudos Culturais, História e Sociologia. A segunda fase decorre de 1 de junho a 15 de julho. As candidaturas a Doutoramento em regime tutorial em Arqueologia, Ciências da Comunicação, Geografia, História e Sociologia estão em curso até 1 de julho. ☺

OPINIÃO

Jean-Martin Rabot
Departamento de
Sociologia



CONFINADOS OU SOCIALMENTE FINADOS?

Com o surgimento da pandemia de coronavírus, fomos convidados a trancar-nos na bolha dos nossos corpos. Ao ponto de se correr o risco de perder a necessária interação entre a ponte e a porta de que falava Simmel, que se encontra no fundamento de toda a vida social. A ponte, enquanto metáfora da abertura sobre o outro; a porta, como símbolo de privacidade. O confinamento da metade da humanidade veio pôr um termo a essa interação e prefigurar a morte do social.

Basta ler o Diário de Adão de Mark Twain (1893), para percebermos que o Homem prescinde da perfeição do paraíso: “Bendita seja a catástrofe que me uniu a ela [Eva]”. É assim que vimos milhões de iranianos a festejar o Ano Novo, o Noruz; que vimos milhares de adeptos do PSG, a festejar na rua a vitória do seu clube, criando assim “uma atmosfera, um karma”, depois de um jogo à porta fechada; que vimos uma multidão de jovens a festejar o “Spring Break”, nas praias da Flórida, com o lema: “vamos todos morrer, mais vale acabar em beleza”.

O instinto gregário sobrepor-se-á sempre ao egoísmo dos interesses e ao racionalismo dos peritos. Não é só o vírus que se transmite, a alegria de estarmos juntos também o faz. Curiosamente, a sociologia não esperou pela chegada deste vírus para fazer empréstimos semânticos aos epidemiólogos: o contágio em Durkheim; a viralidade em Baudrillard; a posse em Morin; a contaminação em Maffesoli. ☺

Adiado

Nova previsão:
9 novembro 2020

Colóquio

Sociedade e Crise(s)

Desafios para as Ciências Sociais